

# Uma lição americana

CAIRO, 8 ABRIL 2001

8 ABR 2001 GLOBO 0

FERNANDO PEDREIRA

Não haverá grande exagero em dizer que, nas eleições presidenciais de novembro último, nos Estados Unidos, Fernando Henrique torceu pela vitória do republicano George W. Bush. Ou, antes para sermos ainda mais exatos: torceu pela derrota de vice Al Gore, que conhecia razoavelmente bem e pelo qual não nutria, digamos, grande admiração.

Gore é o tipo do interlocutor que vem para uma conversa trazendo no bolso anotações precisas sobre o que vai dizer; e ainda assim se equivoca em pontos decisivos. É uma espécie de Ronald Reagan às avessas. Reagan era capaz de gafes monstruosas, como trocar a Bolívia pelo Brasil num discurso solene, mas era hábil e até convincente no essencial, na conversa, no contato pessoal. Ainda agora, logo depois desse recente diálogo Bush-FH em Washington, houve quem dissesse, no próprio Departamento de Estado, que a conversa havia sido nula e não tinha acrescentado absolutamente coisa nenhuma às relações entre os dois países e especialmente à questão da Alca.

Bobagem. Encontros entre presidentes (e ainda mais um primeiro encontro como esse de agora), não servem para fechar acordos, nem adiantar contenciosos. Isso é tarefa para assessores e chanceleres; presidentes e chefes de governo apenas sacramentam o que foi antecipadamente feito pelos seus segundos. O encontro entre eles vale acima de tudo como contato pessoal, capaz de estabelecer (ou não) confiança mútua, revelar ânimos e propósitos íntimos, pessoais.

FH dava-se bem com Clinton; vamos ver como vai se dar com esse novo interlocutor na Casa Branca, que parece bem mais duro e difícil. George Bush é um não-declarado, talvez dissidente, discípulo de um dos seus mais notáveis antecessores, Theodore Roosevelt, presidente republicano intervencionista e expansionista, convicto defensor e propagador da célebre doutrina Monroe, na primeira década do século XX.

Theodore Roosevelt combateu os trustes e foi um, digamos, proto-ecologista; criou os primeiros parques nacionais, visitou a Amazônia brasileira e encantou-se com ela. Uma fração sua, no entanto, ficou famosa

“Talk softly, but carry a big stick”, dizia ele. Fale macio, mas tenha sempre um bom porrete na mão. Esse ensinamento me parece o que melhor revela o estilo do atual Bush, ao menos pelo que ele demonstrou em sua campanha eleitoral. Suas palavras, suas respostas eram, em geral, macias, mas a substância de sua política continuou sendo, no essencial, dura e pouca transigente.

Não sei que impressão trouxe da viagem o nosso Fernando Henrique, mas acho que, ao menos em umas tantas coisas, ele lucraria (e o Brasil mais ainda) se pudesse absorver a lição do seu interlocutor, não em substância política, certamente, mas em comportamento público, institucional.

Nosso presidente fala admiravelmente bem, mas fala muito, às vezes demais. Não é um político, é um professor; um professor moderno que não usa palmatória e hesita dez vezes antes de decidir-se a expulsar da aula mesmo os alunos mais turbulentos, desordeiros. Quer explicar tudo bem-explicado, convencer, educar até os recalitrantes, que não acreditam nele.

Talvez fosse mais fácil fazer isso no

Senado, onde FH esteve durante 12 anos, do que na presidência, onde as aulas são sempre práticas, e não em laboratório, mas na própria vida real. Um presidente não pode dizer tudo, não pode (algumas vezes não deve) expor a verdade inteira, as razões por trás das decisões e dos acertos e se fala muito, se fala demais, acaba transmitindo uma impressão mais de enrolação que de franqueza e boa fé.

Fale macio, mas tenha à mão um bom cacete. O que não falta, ainda mais agora, a FH são os bons cacetes: os fatos, a verdade “objetiva” dos marxistas, os resultados práticos, colhidos e revelados, ainda esta semana, pelo IBGE e, menos recentemente, por diversos institutos de pesquisa e estudo. É claro que há ainda carências gritantes, irritantes, crescentes até, diante das quais continuamos desarmados, ou mal armados; mas o que se conseguiu nesses anos de austeridade e “bom comportamento” fiscal e governamental foi enorme e fecundo. Valeu o esforço.

Vem o presidente de nomear, com alarde, uma corregedora-geral para assuntos de corrupção no governo. Veremos no que dará isso. Os itens

efetivos da pauta dos próximos meses, entretanto, parecem bastante claros. Primeiro, a reforma política, alicerçada no voto por distritos, que deve sanear os partidos e, portanto, os maiores focos de corrupção política no próprio Congresso e nas assembleias legislativas. Segundo, corrigir a marginalização das populações carentes, nas grandes cidades, e a criminalidade crescente.

Este segundo item, mais do que o primeiro, envolve a responsabilidade dos governos estaduais e municipais nas áreas afetadas, mas não há dúvida que não se poderia hoje enfrentar eficazmente senão sob a liderança do presidente e com os recursos e meios da União.

É, além do mais, um problema que toca diretamente o povo no que ele tem de mais desprotegido e autêntico, com soberana e decisiva influência na qualidade de vida da grande maioria da população brasileira, que vive hoje crescentemente nas cidades. Se os tucanos e seus aliados quiserem ganhar as eleições, eis aí a maneira de unir o útil ao agradável. Se é que ainda há tempo...

FERNANDO PEDREIRA é jornalista.